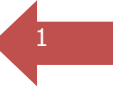


## 28. CHRYS CHRYSTELLO. AICL, AGLP, UTS SYDNEY E NAATI CABBERRA, AUSTRÁLIA

### TEMA 2.3. Da Galiza: da língua espanholizada à língua galega no mundo



Na escola falam-nos da variante galega da língua como quem fala das guerras entre Esparta e Atenas, num passado demasiado longínquo, nesta portuguesa mania de desvalorizar a história, que fez de todos nós o que somos hoje. O problema começa por ser político e sensível, de difícil resolução e menos vontade política de o abordar. Só os poetas e os sonhadores utópicos, essa elite que pode mover nações e gerar a diferença entre a vida e morte das civilizações, acreditam que o futuro da Galiza passa pela unificação da língua escrita através do Acordo Ortográfico de 1990, esse vital instrumento a brandir contra o *status quo* da imutabilidade histórica dos reinos.

Todos sabemos que a história sempre se fez de guerras e de casamentos entre as tribos, hoje faz-se pela globalização económica que desconhece as fronteiras marcadas em tempos imemoriais pelos homens e é aí que a língua comum assume um papel vital de moeda de troca entre os povos. Mesmo aqueles que sempre se insurgiram contra a Lusofonia surgem agora como vocais e aparentes paladinos da mesma, como instrumento de captação de um mercado de mais de 240 milhões de almas.

Esta comunicação não pretende ser académica pois os amores e os sentimentos não se podem dissecar num laboratório. A minha ligação à Galiza parece datar de 988 AD, segundo me contou a minha avó paterna que era brasileira carioca, de sangue minhoto e galego. Fui a Celanova em 1960 ver o sítio onde tudo começou, regresssei várias vezes depois disso, e levei lá o meu filho mais novo para que ele conhecesse as origens. Aprendi com os aborígenes australianos a preservar na oralidade a história tal como eles o fizeram ao longo de mais de 65 mil anos.

Gostei de imaginar-me ali num passado longínquo, coevo de Dom Nuno de Cellanova, senhor do condado e alferes de Raimundo de Borgonha que casou com D. Sancha de quem teve D. Sancho Nunes de Cellanova ou de Barbosa (1070 -1130). Este casou por duas vezes, a primeira com D. Sancha Henriques (1097 - 1163), infanta de Portugal, filha de Teresa de Leão e do Conde D. Henrique de Borgonha, conde de Portucale. O segundo matrimónio foi com D. Teresa Mendes, filha de D. Urraca Mendes, senhora da Casa de Barbosa, e de Mem Nunes de Riba Douro. É deste segundo matrimónio que descendemos.<sup>1</sup>

Regressando ao século 21, conheci em 2002, no 1º colóquio, no Porto, um jovem empresário que sonhava com uma Galiza lusófona. Foi ele, Ângelo Cristóvão, o meu guia da história que não aprendemos. Portugal e Galiza são povos irmãos que vivem de costas voltadas, como se tivessem um imenso mar a separá-los. O desconhecimento mútuo é generalizado e aumenta à medida que a ignorância dos mais jovens se solidifica em resumos da História que deveriam estudar em detalhe e minúcia. Na escola falam-nos da variante galega como quem fala das guerras entre Esparta e Atenas, num passado

---

<sup>1</sup> Houve um segundo filho D. Gomes Nunes de Pombeiro (m. depois de 1141) casou antes de 1104 com Elvira Peres de Trava filha de Pedro Froilaz de Trava, conde de Trava e de Maior "Gontrodo" Rodrigues

demasiado longínquo, nesta portuguesa mania de desvalorizar a história, que fez de todos nós o que somos hoje. O problema começa por ser político e sensível, de difícil resolução e menos vontade política de o abordar. Só os poetas e os sonhadores utópicos, essa elite que pode mover nações e gerar a diferença entre a vida e morte das civilizações, acreditam que o futuro da Galiza passa pela unificação da língua escrita através do Acordo Ortográfico de 1990, esse vital instrumento a brandir contra o status quo da imutabilidade histórica dos reinos.

A história sempre se fez de guerras e de casamentos entre as tribos, hoje faz-se pela globalização económica que desconhece as fronteiras marcadas em tempos imemoriais pelos homens e é aí que a língua comum assume um papel vital de moeda de troca entre os povos. Mesmo os que sempre se insurgiram contra a Lusofonia surgem agora vocais e aparentes paladinos da mesma, para a captação de um mercado de mais de 240 milhões de almas. Se a guerra dos afetos entre povos irmãos parecia exclusiva da coutada dos poetas, agora desponta o interesse económico nessa cruzada da língua comum, como motor capaz de inverter políticas centralistas e nacionalistas de séculos. Nisso reside a grande arma que devemos utilizar, neste nosso longo caminho de sobreviver através da língua e cultura comuns, em vez de ficarmos marginalizados em variantes e dialetos redutores da enorme identidade global que é a Lusofonia sem distinção de nações, credos ou etnias. Não queremos um Quinto Império para reviver glórias de outrora, pretendemos apenas dar voz a todos os que se expressam e trabalham nessa língua a que chamamos nossa.

Em 2014 aprovou-se, por unanimidade no Parlamento Autónomo da Galiza, a chamada “Lei Paz-Andrade”, para a inclusão do ensino da língua portuguesa nos centros escolares do ensino primário e secundário, a promoção de conteúdos em português nos meios de comunicação social públicos, e a inserção das instituições públicas galegas nos organismos internacionais do espaço de língua portuguesa.

Em 2015, o Instituto Camões assinou um Memorando de Entendimento com o Governo Autónomo Galego, visando formar professores e estabelecer critérios de avaliação para o ensino da língua portuguesa. Ainda em 2015, a Presidência da República outorgou a Medalha de Ouro do Infante D. Henrique ao Presidente do Governo Regional, Alberto Núñez Feijóo, o que nos surpreendeu pois não reconhecemos a esse líder qualquer empenho na defesa da língua. Em 13 de julho 2017 a Galiza decidiu homenagear Cavaco e Silva com a Medalha de Ouro.

Chegam-nos, porém, notícias preocupantes sobre a real implementação da Lei Paz-Andrade. A expansão do ensino da língua portuguesa – que foi de 850 no curso anterior para 1850 alunos –, deveu-se exclusivamente à iniciativa dos pais dos alunos ou das entidades culturais privadas, sendo que o Governo Autónomo não transmitiu, a este respeito, qualquer instrução nem informação aos responsáveis dos centros escolares, parecendo assim não estar minimamente empenhado na real implementação da referida Lei. Quanto à rádio e televisão públicas, apenas se registam, colaborações esporádicas, como ocasionalmente já acontecia.

Entretanto, fomos confrontados com a aprovação da candidatura do “Consello da Cultura Galega”, organismo público financiado pelos contribuintes galegos, ao estatuto de Observador Consultivo da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), foi aprovada por unanimidade pelo Comité de Concertação Permanente da CPLP. Sabemos todos como esta entidade tem defendido publicamente que “a língua galega é independente da língua

portuguesa” (sic), pelo que não faz sentido aceitar na CPLP uma entidade que promove o isolacionismo, a menos que esta se alie a uma AGLP rumo à convergência linguística e cultural com os restantes países e regiões do espaço lusófono.

A nossa perplexidade é hoje tanto maior porquanto, em 2011, Portugal vetou a candidatura da Fundação Academia Galega da Língua Portuguesa – ao mesmo estatuto de Observador Consultivo da CPLP.

Vejamus como tudo se passou: no XIII colóquio anual da lusofonia "AÇORIANÓPOLIS" em Santa Catarina, Brasil em abril 2010, os Colóquios da Lusofonia lançaram o repto<sup>2</sup> à Academia Brasileira de Letras, à Academia das Ciências de Lisboa e a todas as entidades para apoiarem a imediata inclusão da AGLP com o estatuto de observador na CPLP, e comprometeram-se a envidar todos os esforços para a consecução de tal desiderato<sup>3</sup>.

Em 22 de julho 2016, a CPLP anunciou a admissão da AGLP sob proposta do país anfitrião (Angola). A mesma, surpreendentemente, foi retirada da página oficial da CPLP umas horas depois sem qualquer explicação, pelo que as celebrações de júbilo na Galiza e no resto do mundo duraram apenas oito horas. Veio, posteriormente a saber-se que fora Portugal que sempre apoiara a proposta da AGLP integrar a CPLP com o estatuto de observador quem vetara no último momento, quando o MNE Paulo Portas se ausentou para que a votação não fosse aprovada unanimemente.

Em Vila do Porto em 5 out 2011, o XVI Colóquio da Lusofonia aprovou (citamos)

*[...] uma declaração de repúdio pela atitude de Portugal olvidando séculos de história comum da língua, ao excluir a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades de fala lusófona. A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo acordo ortográfico e o seu léxico está já integrado em vários dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão à última hora do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente. A AICL entende que não faz sentido aceitar como observadores países sem afinidades diretas ou indiretas à Lusofonia, a Portugal e sua língua e deixar de fora a região onde nasceu a língua portuguesa há mais de dez séculos. É um crime de lesa língua de todos nós.*

*A Língua que se fala na Galiza é uma variante do Português como a do Brasil, Angola, Moçambique e tantas outras, com a peculiaridade de ter sido o berço da mesma língua comum, e jamais houve exclusão por parte da CPLP das regiões lusofalantes do mundo. Trata-se de uma medida obviamente ditada por preconceitos políticos e contra a qual a AICL se manifesta veementemente não só apoiando a subscrição da Petição como*

<sup>2</sup> Concha Rousia comprometeu-se a enviar à CPLP os objetivos da Academia Galega para fundamentar o seu pedido de adesão com o apoio da sociedade civil aqui representada pelos Colóquios da Lusofonia, salientando que Goa e Galiza fazem falta à CPLP e que seria profícuo vir a criar um canal de televisão lusófono abrangendo todos os países, mas que seria necessária muita vontade política para tal se concretizar.

<sup>3</sup> Este ponto foi reiterado nas conclusões do XIV colóquio anual da lusofonia de Bragança nesse ano em outubro 2010. Pareciam bem encaminhadas as negociações resultantes do repto que os Colóquios da Lusofonia lançaram à Academia Brasileira de Letras e a todas as outras entidades para apoiarem a imediata inclusão da ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA com o estatuto de observador na CPLP. A AICL, em concertação com o MIL Movimento Internacional Lusófono, de que faz parte, tomou algumas medidas sendo a mais visível uma Petição ao Ministro dos Estrangeiros de Portugal de então, Dr Paulo Portas

*encorajando todos os seus associados e participantes nas suas iniciativas a protestarem publicamente contra esta injustiça feita à língua portuguesa e à AGLP. Iremos manifestar o nosso desacordo de todas as formas possíveis e ao nosso alcance até ver reposta a equidade da proposta de admissão da Galiza através da AGLP no seio da CPLP.*

*Chrys Chrystello,  
Presidente da Direção da AICL (fim de citação)*

Como pais putativos da AGLP sempre entendemos que esta deveria ser o interlocutor privilegiado com a CPLP, ao contrário do entendimento do ex-Instituto Camões e de outras entidades.

Foi isso que levou o 18º colóquio em 2012 à Galiza.

Queremos fortalecer o que nos une e que é património imaterial de tantos e, por isso, foi, com natural e redobrada alegria que em 21 de julho 2017 assistimos ao anúncio em Brasília, de que, finalmente, a AGLP tinha sido admitida como Observadora no seio da CPLP. Só a perseverança, a diplomacia silenciosa e o engenho de Ângelo Cristóvão e outros poderiam antever este desfecho feliz.

#### AFINAL COMO VAI A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO? E AS SUAS DERIVADAS AINDA SOBREVIVEM?

Hoje fala-se mais Português em Angola do que no tempo da colonização apesar da forte competição das línguas nativas. Em Goa existe um recrudescimento do interesse pela língua portuguesa e novos livros têm surgido mais de 50 anos após a extinção da presença lusófona. Em Malaca, na Malásia, cerca de 1.000 pessoas falam um crioulo tal como 80 % dos antigos habitantes falava Papiá Kristang, que também é falado atualmente em Singapura e Kuala Lumpur, sendo muito parecido com o malaio local na sua estrutura gramatical, mas 95% do seu vocabulário deriva do português.

Até há pouco tempo o português também era falado em Pulau Tikus (Penang), mas hoje considera-se extinto. A comunidade eurasiática tem 12.000 membros na Península Malaia. Ativos estão o MPEA (Malacca Portuguese Eurasian Association) e SPEMA (Secretariat of the Portuguese/Eurasian Malaysian Associations) com 7 associações dos seus membros em Alor Star, Penang, Perak, Malaca (MPEA), Kuala Lumpur, Seremban e Johor Baru. Há também em Singapura uma associação eurasiática. Lembremo-nos que Malaca se separou do domínio português em 1641, há 376 anos.

Cerca de um terço dos eurasiáticos de Singapura têm sobrenomes portugueses. Curiosamente um jovem singapurino, Kevin Martins Wong, recentemente redescobriu a língua dos seus avoengos e está a ter sucesso na sua revitalização em Singapura onde apenas restavam cem falantes. Desenvolveu um currículo de dez aulas de duas horas cada, e atualmente ensina Kristang a duas centenas de pessoas. Tendo obtido fundos elaborou

um plano de revitalização do idioma a desenvolver nas próximas décadas e conta lançar um dicionário e um livro didático já em 2019. Em 2004 fora publicado o Eurasian Heritage Dictionary em inglês por Valery Scully e Catherine Zuzarte com 1500 palavras de Papiá Kristang) e provérbios dos quais retiro apenas quatro exemplos:

*Pinchah pedra, skundeh mang (atira a pedra, esconde a mão)*

*Nunteng kabesa, nunteng rabu, (sem pés nem cabeça)*

*Albi grandi, fruta pekeninu (árvore grande, fruta pequenina)*

*Nunteng agu, nunteng sal (sem água e sem sal)*

De mais de 200 étimos portugueses selecionei kereta (carreta, "carro"), sekolah (escola), bendera (bandeira), mentega (manteiga), keju (queijo), meja (mesa) e nenas (ananás), sepatu (sapato), mulheh, maridu, bonitu e soldadu. Poucas pessoas sabem que quando Sir Thomas Stamford Raffles refundou Singapura em 1819 havia apenas uma centena de habitantes e foi um português que serviu às suas ordens quem se encarregou de a povoar com portugueses de Malaca, Macau e Hong-Kong.

Passemos agora a Korlai na Índia, perto de Chaul, onde 900 pessoas falam o crioulo português numa comunidade cuja igreja se chama de "Nossa Senhora do Monte Carmelo". Chaul separou-se do domínio português em 1740, há 277 anos.

Em Goa, o idioma português está a desaparecer rapidamente sendo falado por um pequeno setor das famílias mais abastadas. Apenas 3 a 5% da população continua a falar Português (menos de 40 mil pessoas). Goa assiste a uma neocolonização demográfica com 35% da população sendo imigrante de outros estados indianos. Nas escolas da Índia a língua portuguesa é ensinada como terceira língua (não-obrigatória). Existe um Departamento de Português na Universidade de Goa e a "Fundação do Oriente" e a Sociedade de Amizade Indo-Portuguesa estão em funcionamento. O último jornal em língua portuguesa foi publicado na década de 1980. Em Panaji ainda são visíveis em lojas e edifícios públicos muitos cartazes em português. Em Diu, na Índia, o crioulo português está quase extinto. Em Damão na Índia: (Damão Grande ou Praça, Campo dos Remédios, Jumprim, Damão da Cima) apenas 2000 pessoas falam um crioulo português. Goa, Damão, Diu e outros enclaves deixaram de fazer parte do domínio português em dezembro de 1961, há 56 anos.

Os Burgueses Portugueses do Ceilão existem em Batticaloa (Koolavaddy, Mamangam, Uppodai, Dutch Bar, Akkaraipattu); Trincomalee (Palayuttu); nas comunidades Kaffir de Mannar e Puttalam]. Muitos séculos antes da chegada dos portugueses à ilha de Ceilão, que hoje se chama Sri Lanka, esta era conhecida sob o nome de Taprobana. O Português foi apenas usado entre as 250 famílias (burgueses portuguesas) em suas casas em Batticaloa até 1984. Muitos emigraram para a Austrália. Ainda há 100 famílias em Batticaloa e Trincomalee e cerca de 80 famílias afro-cingalesas (Kaffir) em Puttalam. Uma língua quase extinta.

Há uma pequena comunidade de descendentes portugueses na aldeia de Waha Kotte (circa 7°42'N. - 80°36'E no centro do Sri Lanka, a seis quilómetros de Galewala, estrada entre Galewala e Matale), sendo todos católicos romanos, mas desde há cerca de duas gerações que o crioulo português deixou de ser falado. Tem relação com outros dialetos indo-portugueses que floresceram outrora no litoral da Índia. O indo-português também tem relação com o crioulo português de Malaca e também com o crioulo português de Macau e há uma semelhança linguística subjacente entre os crioulos portugueses da Ásia que foi muito útil no comércio. No Sri Lanka, por cerca de 350 anos, a língua de comércio internacional era o indo-português. Ceilão separou-se do domínio português em 1658, há 359 anos.

Em Macau há cerca de 2.000 pessoas que falam português como sua primeira língua e perto de 12 mil como sua segunda língua. Um reduzido grupo de idosos ainda fala o macaense ou *Dóci Papiçam di Macau*, um crioulo português. Em 20 de dezembro de 1999 Macau voltou a fazer parte da China. A língua portuguesa é hoje mais falada e estudada do que quando os portugueses lá estavam e quando lá vivi entre 1976 e 1982.

Em Hong-Kong centenas de pessoas falam o macaense. Quase todas são emigrantes de Macau. Nunca foi colónia portuguesa. Os "tons-tons" como são chamados, são quase todos descendentes de Macau e das pequenas colónias de Portugueses da China (Cantão) e mantêm nomes e alguns rudimentos de papiá e de Português.

Timor-Leste: os que falavam o português em 1950 não ultrapassavam 10.000 pessoas e em 1974 dos 700.000 habitantes, um décimo sabia ler e escrever em português e 140.000 podiam falar e entender esta língua. Até 1981, o português foi a língua da Igreja Católica de Timor, quando foi substituído pelo tétum. Entretanto é comumente usado como idioma de negócios na cidade de Díli. O português permaneceu como língua da resistência anti-indonésia e de comunicação externa da Igreja Católica. O português crioulo (português de Bidau) hoje está praticamente extinto. Era falado em Díli, Lifau e Bidau. Timor-Leste tornou-se um estado independente a 20 de maio de 2002 com duas línguas oficiais: português e tétum.

Em Timor como segunda língua oficial já há 25% de falantes de Português quando há dez anos nem a 5% chegava esse número. Lembro a importância da língua portuguesa em contextos hostis como no caso de Timor-Leste onde sob a ocupação neocolonial indonésia, as novas gerações impedidas de falar Português começaram a usar esta língua como língua de resistência.

Na ilha das Flores na Indonésia em Larantuka e Sikka o português sobrevive nas tradições religiosas e na comunidade Topasse (os descendentes dos portugueses com as mulheres nativas) utilizam-no nas suas preces. Aos sábados, as mulheres de Larantuka rezam o rosário numa forma corrompida de português. Na área de Sikka, no Leste de Flores, muitas pessoas são descendentes de portugueses e ainda há quem use esta língua. Existe uma Confraria chamada "Reinja Rosari". Portugal retirou-se em 1859.

ATÉ HÁ POUCOS ANOS, COMUNIDADES QUE FALAVAM O PORTUGUÊS EXISTIAM EM:

Cochim na Índia: (Vypeen) mas desapareceu nos últimos 20 anos. A comunidade portuguesa / hindu de cerca de 2 mil pessoas frequenta ainda a antiga Igreja de Nossa Senhora da Esperança. Portugal retirou-se de Cochim em 1663, há 354 anos.

Em Bombaim: Baçaim, Salcete, Thana, Chevai, Mahim, Tecelaria, Dadar, Parel, Cavel, Bandora-Badra, Govai, Morol, Andheri, Versova, Malvan, Manori, Mazagão. Em 1906 este crioulo foi, depois do Ceilão, o dialeto indo-português mais importante e existiam 5 mil pessoas que falavam o crioulo português como língua materna e 2 mil estavam em Bombaim e Mahim, mil em Bandora, 500 em Thana, 100 em Curla, 50 em Baçaim e mil nas outras vilas. Não existiam à época escolas em crioulo português e as classes mais ricas substituíram-no pelo inglês.

Em Coramandel na Índia: Meliapore, Madrasta, Tuticorin, Cuddalore, Karikal, Pondicherry, Tranquebar, Manapar, Negapatam. Nesta costa, os descendentes dos portugueses eram também conhecidos como "topasses", sendo católicos e falando o crioulo português. Com o domínio britânico começaram a falar inglês em lugar do português e anglicizaram seus nomes. Fazem parte da comunidade eurásiana. Em Negapatam em 1883 ainda existiam 20 famílias a falar o indo-português.

No Ceilão (Sri Lanka) o crioulo português era falado até pela comunidade burguesa holandesa até ao início do século XX. Depois da Segunda Guerra Mundial, os católicos em Colombo, capital do Sri Lanka reuniam-se nas missas faladas em português (na Igreja de Santo António em Dematagoda). Após a segunda metade do século, uma parte destes católicos velhos começaram a frequentar missas em grupos cada vez menores nas igrejas católicas nas cidades de Dematagoda, Hulftsdorp, Kotahena, Kotte, Nugegoda e Wellawatte. Embora fosse uma língua falada, o português perdia rapidamente a sua importância original nos serviços religiosos nas igrejas católicas, sendo substituído pelo inglês mais moderno e mais procurado.

Já na Indonésia em Jacarta, no subúrbio de Tugu, até ao início do século XX uma espécie de português corrompido era falada pela população cristã. O último habitante que falava crioulo morreu em 1978. Ainda hoje cantam e dançam em português arcaico. Jacarta nunca esteve sob domínio direto de Portugal.

DESAPARECEU JÁ HÁ MUITOS ANOS:

Na Índia em Mangalore e em Cannanore e nas costas da Índia existiam cerca de 44 comunidades, onde o português era falado.

Em Bengala no Bangladesh: (Balasore, Pipli, Chandernagore, Chittagong, Midnapore, Hugli.....) a língua portuguesa foi, nos séculos XVII e XVIII, a "lingua franca". Após 1811, o português era usado em todas as igrejas cristãs (católicas e protestantes) de Calcutá. No início do século XX, poucas famílias falavam uma forma corrompida de português misturada com muitas palavras da língua inglesa.

Em Solor e em Adonara na Indonésia: Solor, Adonara (Vure)

Na Ilha de Java na Indonésia: na comunidade holandesa de Batávia. Os *Mardijkers* são os descendentes dos antigos escravos de Malaca, Bengala, Coramandel, e Malabar, que foram convertidos ao Protestantismo quando libertados. Falavam uma espécie de crioulo português e eram o ramo principal da comunidade portuguesa de Batávia. Depois da conquista holandesa de Malaca e do Ceilão eles cresceram consideravelmente. Em 1673 foi construída uma igreja protestante para a comunidade portuguesa de Batávia e depois no século XVII uma segunda igreja foi construída. Em 1713 esta comunidade tinha cerca de 4.000 membros. Até 1750 o português foi a primeira língua de Batávia, porém, depois o malaio passou a dominar. Em 1808, o reverendo Engelbrecht celebrou a última missa em português. Em 1816, a comunidade portuguesa foi incorporada na comunidade malaia. Também entre as famílias holandesas de Batávia a língua portuguesa foi intensamente usada até 1750, apesar dos esforços do Governo Holandês contra o seu uso.

Nas ilhas Molucas na Indonésia: em Ternate, Ambon, Banda, Macassar falava-se Ternateno, um crioulo português das ilhas de Ternate e Halmahera, mas atualmente extinto. Em Ambon, o português sobrevive na língua atualmente falada: o Malayu-Ambom, e que contém cerca de 350 termos de origem portuguesa.

Vários idiomas da Tailândia, Malásia, Índia e Indonésia têm palavras portuguesas ou galegas. A própria língua japonesa tem várias como: *arukoru* (álcool), *pan* (pão), *veludo*, *jaqueta*, *bolo*, *bola*, *botão*, *frasco*, *irmão*, *jouro* (jarro), *capa*, *capitão*, *candeia*, *castela* (bolo de pão-de-ló), *copo*, *biidoro* (vidro), *tempura* (tempero), *tabako* (tabaco), *sabão*, *sábado*, *choro*, *tasca*, *biombo* etc.



Em resumo, em qualquer destes locais ao longo desta curta digressão pelo Oriente, portugueses e galegos falam com estas gentes sem dificuldades de maior, mas na Europa torna-se imperioso ressuscitar o galego. É fundamental que ele seja atual e não-castrado. Os povos só evoluem bem intelectualmente quando se expressam bem na sua língua materna e não numa língua estrangeira colonizada. É nossa vontade e desígnio que na Galiza se proceda à reintegração total da língua na Lusofonia como a História o manda e, por isso, apoiamos desde a primeira hora a criação da AGLP.

A dimensão real das diferenças entre o galego e o português resultam sobretudo da colonização linguística pelo castelhano. No restante é um português arcaico como é ainda o falar das ilhas dos Açores. Na Galiza a questão da ortografia é meramente política, sendo um grave erro estratégico não afirmar perentoriamente que "galego e português são a mesma língua". Tem faltado construir pontes pois os políticos portugueses estão sempre temerosos de ofender a vizinha Espanha e os políticos galegos temem que depois da autonomia cultural venham outras.

No Reino de Espanha há quem fale português como língua de resistência ao domínio cultural que faz sujeitar a escrita do galego às normas ortográficas castelhanas tentando obviar à preservação da identidade cultural do velho reino da Galiza. E a língua galega é sob todos os aspetos (históricos, filológicos e paleolinguísticos) português. Não se consegue expressar bem com um idioma do passado com adulterações neocolonialistas castelhanizadas como o recentemente inventado "portunhol" para impor a uma Nação milenária como é a galega.

Pelo contrário, o galego atual será o reencontro dos galegos com as suas origens em que simultaneamente ganham um poderoso meio de comunicação quer a nível cultural quer comercial, que ajudará a crescer a Nação Galega neste mundo globalizado. Por outro lado, na Extremadura espanhola, onde nunca houve uma língua comum, também o Português é ensinado a milhares de pessoas, em número superior ao dos alunos de Português na Galiza. Em Olivença seis centenas de pessoas readquiriram recentemente a nacionalidade portuguesa e revive-se o falar oliventino.

A língua não é só um meio de comunicação nem uma arma económica, ela expressa o sentimento dos povos, permite a preservação das lendas e narrativas, recria as baladas dos bardos, favorece a leitura dos clássicos, aproxima povos e perpetua o ADN nacional.

EGDC (Ernesto Guerra da Cal) deixou escrito em Nova Iorque em dezembro de 1953: «Portugal era o desenvolvimento cultural, pleno, da minha Galiza natal. Era o que a Galiza deveria ter sido se as vicissitudes e os caprichos da História não a tivessem transviado do seu destino natural, deturpando a sua fisionomia espiritual, quebrando a sua tradição, impondo-lhe formas culturais alheias, estranhas ao seu carácter.

EGDC, coerente, publica em 1959 «lua de além-mar» e em 1963 «rio de sonho e tempo» proclamando o «emprego da ortografia portuguesa porque é a nossa, a da nossa secular tradição e porque é inadiável mergulhar-nos no âmbito português-brasileiro; seguindo o conselho venerável do patriarca Murguia que já recomendou a unificação linguística com Portugal. tudo representava uma insurgência doutrinal, uma bandeira desfraldada contra a imposição da cultura e ortografia espanholas. representava, também, a necessidade de reorientar a nossa consciência de nacionalidade no sentido de reatamento dos laços de identidade linguística – e não só: DE IDENTIDADE NACIONAL.

Mais de meio século depois continua sendo necessário o conselho venerável do patriarca Murguia. Escrever galego/português dentro da norma lusófona dá-lhe uma dimensão mundial e é a única forma de salvá-lo da morte.

O português/galego não é um idioma de propriedade de Portugal, mas dos países que o adotaram como oficial além da Região Autónoma Especial de Macau na China. Recordemos que o próprio rei Afonso X, rei castelhano, encontrou em galego-português por ser uma língua melódica e é essa melódica língua que quero que os meus netos ouçam falar na Galiza.

### BIBLIOGRAFIA:

- Abdurachman, Paramita Rahayu. 1972. "Some Portuguese loanwords in the vocabulary of speakers of Ambonese Malay in Christian villages of Central Moluccas", 17 pp., LIPI, Jakarta, Indonésia.
- Baxter, A. 1988. *A Grammar of Kristang (Malacca Creole Portuguese)*. Camberra: Pacific Linguistics, série B. 95.
- Baxter, A. 1990. "Notes on the Creole Portuguese of Bidau, Timor". *Journal of Pidgin and Creole Languages* 5.1:1-38.
- Baxter, A. 1995. "Transmissão Geracional Irregular na História do Português-Brasileiro. Divergências nas Vertentes Afro-brasileiras" *Revista Internacional de Língua Portuguesa* 14. 72-90.
- Charpentier, J.-M. 1992. "La Survivance du Créole Portugais *Makaísta* in Extrême-Orient". Andrade, E. & A. Khim (orgs.). 1992. *Atas do Colóquio sobre "Crioulos de Base Lexical Portuguesa"*. Lisboa. Colibri. 81-95.
- Clancy, Clements. 1996. "The genesis of a language: the formation and development of Korlai Portuguese" XII, 281 pp. maps, Creole language library, vol. 16, Benjamins, Amsterdão e Filadélfia.
- Clemens, J. C. 1996. *The Genesis of a Language: The Formation and Development of Korlai Portuguese*. Amsterdão, Filadélfia: John Benjamins.
- Clemens, J. C. 2000. "Evidência para a existência de um pidgin português asiático". Ernesto d'Andrade, Dulce Pereira e Maria Antónia Mota, eds. *Crioulos de Base Portuguesa*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística. 185-200.
- Cunha, C. 1981. "O protocrioulo português e a sua universalidade nos séculos XVI, XVII e XVIII". *Língua Nação, Alienação*. Rio de Janeiro.
- Dalgado, S. R. 1988. "Estudos sobre os Crioulos Indo-Portugueses". 187 pp., Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, Portugal. Dialeto Indo-Português de Goa; Dialeto Indo-Português de Damão; Dialeto Indo-Português do Norte; Dialeto Indo-Português de Negapatão; Berço duma cantiga em Indo-português. The latest edition of the interesting study of Sebastião Rodolfo Dalgado on the Creole languages of Goa, Damão, Negapatão and the Northern Province of India.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo. 1998. "Dialeto Indo-Português de Ceilão" 301 p. (Cadernos Asia) CNCDP Lisboa, Portugal.
- Daus, Ronald. 1989. "Portuguese Eurasian communities in Southeast Asia" 83 pp. Institute of Southeast Asian Studies, Singapura. The Portuguese Eurasian communities in Malacca, Tugu, Larantuka and Singapore.
- Ferraz, L. I. 1979. *The Creole of São Tomé*. Joanesburgo: Witwatersrand University Press.
- Ferraz, L. I. 1987. *Portuguese Creoles of West Africa and Asia*. Gilbert, G. G. (ed), *Pidgin and Creole Languages*. Honolulu Univ. of Hawaii Press. 337-360.
- Goonatilleka, M.H. 1985. "A Portuguese Creole in Sri Lanka: A Brief Socio-Linguistic Survey", in: SOUZA, Teotónio R. de (ed.) "Indo-Portuguese History. Old Issues, New Questions (3<sup>rd</sup> ISIPH)", pp. 147-180 Concept, Nova Deli, Índia.
- Hettiarachchi, A. S. 1965. "Influence of Portuguese on the Sinhalese Language", JCBRAS Vol. IX, pp. 229-238
- Holm, J. 1989. *Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press. [2 volumes].

- Jackson, Kenneth David. 1987. "Canta sen Vergonya: Portuguese Creole Verse in Sri Lanka". *Journal of Pidgins and Creole Languages* 2:31-48.
- Jackson, Kenneth David. 1990. "Sing without a shame: oral traditions in Indo-Portuguese creole verse: with transcription and analysis of a nineteenth-century manuscript of Ceylon Portuguese Creole", XXVII, 257 pp., Creole Language Library, Benjamin's, Amesterdão e Filadélfia.
- Kouwenberg, S. & al. 1995. "Papiamento". Arends, J. & al. (eds.) *Pidgins and Creoles: An Introduction*. Amsterdão: John Benjamin's. 205-218.
- Lopes, David. 1969. "A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente durante os Séculos XVI, XVII e XVIII", 265 pp. Portucalense Editora, Porto, Portugal.
- Matos, Luís de. 1968. "O português, língua franca no Oriente." In: "Colóquios sobre as províncias do Oriente" vol. 2, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa pp. 11-23 (Estudos de Ciências Políticas e Sociais; 81)
- Parkvall, M. 2000. "The Alleged Creole Past of Brazilian Vernacular Portuguese".
- Pereira, Dulce. 1992. "Crioulos de Base Portuguesa". In A. L. Ferronha, E. Lourenço, J. Mattoso, A. C. Medeiros, R. Marquilhas, M. Barros Ferreira, M. Bettencourt, R. M. Loureiro, D. Pereira, *Atlas da Língua Portuguesa*. Lisboa. Imprensa Nacional, Comissão Nacional para os Descobrimentos, União Latina. 120-125.
- Pereira, Dulce. 1996. "O Crioulo de Cabo Verde". I. H. Faria & al. (org.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 551-559.
- Pereira, Dulce. 1997. "Crioulidade - (Palavras Leva-as o Vento...)" Comunicação ao *Encontro sobre a Crioulidade, Homenagem a Mário António Fernandes de Oliveira*, FCSH, Universidade Nova (a publicar nas Atas).
- Silva Jayasuriya, Shihan da, 2001. "Indo-Portuguese of Ceylon: a contact language", 188 pp., Athena Publications, Londres, Reino Unido
- Silva Rego, Padre António da. 1998. "Dialeto Português de Malaca e outros escritos" 304 pp. (Cadernos Ásia) CNCDP, Lisboa, Portugal. Dialeto Português de Malaca; A Comunidade Luso-Malaia de Malaca e Singapura; A cultura portuguesa na Malaia e em Singapura.
- Smith, N. 1987. *The Genesis of the Creole Languages of Surinam*. Dissertação de doutoramento.
- Teixeira, Pe. Manuel. 1962. "The Influence of Portuguese on the Malay Language" In: "Journal of the Malayan Branch of the Royal Asiatic Society", vol. XXXV (Pt. 1).
- Theban, L. 1985. "Situação e Perspetivas do Português e dos Crioulos de Origem Portuguesa na Índia e no Sri Lanka". *Atas do Congresso sobre a Situação Atual da Língua Portuguesa no Mundo*. vol. 1. Lisboa: ICALP. 269-285.
- Thomaz, L. F. 1985. "A Língua Portuguesa em Timor". *Atas do Congresso sobre a Situação Atual da Língua Portuguesa no Mundo*. VOL. 1. Lisboa. ICALP: 313-339.
- Tomás, M. Isabel & Dulce Pereira (sel. e notas). 1999. *Os Espaços do Crioulo*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Tomás, M. Isabel. 1992. *Os Crioulos Portugueses do Oriente - Uma Bibliografia*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Tomás, M. Isabel. 1995. Os Crioulos Portugueses do Oriente Revisitados. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 14.

**SESSÃO DE POESIA AÇORIANA DE AUTOR em homenagem a todos os poetas açorianos, mas especialmente eduardo b pinto, eduíno de jesus e urbano bettencourt**

**sessão dia 28**

509. (maria nobody, à maria mãe, madalena do pico, 9 ago. 2011

maria nobody  
de todos ninguém  
de alguém  
de um só

maria nobody  
com body de jovem  
maria só minha  
assim te sonho  
assim te habito  
maria nobody  
de todos ninguém  
maria nobody

mãe  
amante  
mulher

minha maria  
maria nobody  
de todos ninguém  
nem sabes a riqueza  
que a gente tem  
maria nobody  
de todos ninguém  
maria só minha  
dos filhos também  
maria nobody  
mais ninguém tem.

---

*517. a ilha de todos os medos (ribeira quente, povoação, 31 agosto 2011)*

uma ilha pode ser de todos  
onde quer que se habite  
viver na ilha é quase um naufrágio  
respirar sob as águas turvas  
viajar através do corpo submerso  
vir à tona turbulenta  
partir da ilha sem sair dela  
levá-la para mundos outros  
recriar a origem em qualquer destino

crenças, festas e procissões  
uma ilha pode ser de todos  
mas só alguns a usufruem  
poucos exibem como passaporte  
sem pudor de regionalismos  
atraso, incultura, insucesso  
secular canga feudal, ancestralidade  
alheados na negação da açorianidade  
vencendo na escrita fora da ilha  
arrogância, ostracismo, solidão  
sotaques polidos, discursos em vão  
uma ilha pode ser de todos  
deneguem anátemas e maldições  
contra ilhanizados e açorianizados  
albardem-se oportunistas da literatura  
acoutados em rótulos de ocasião  
enjeitem escritores renegados  
tertúlias de lisboa a coimbra  
promovam-se os que se não promovem  
pedreiros do magma e lava  
que sentem o que escrevem  
que redigem a alma única  
sabor a mar e terramotos  
uma ilha pode ser de todos  
merece-a quem a habita  
uma ilha pode ser de todos  
os livros a quem os lê  
a escrita a quem a fabrica  
em relação de bordo<sup>4</sup>  
na ilha de nunca mais<sup>5</sup>  
raiz original e comovida<sup>6</sup>  
com lágrimas de gente feliz<sup>7</sup>  
estude-se a cor cíclame<sup>8</sup>

---

<sup>4</sup> Cristóvão De Aguiar

<sup>5</sup> Fernando Aires

<sup>6</sup> Cristóvão De Aguiar

<sup>7</sup> João De Melo

<sup>8</sup> Maria De Fátima Borges

na distância deste tempo<sup>9</sup>  
quando deus teve medo de ser homem<sup>10</sup>  
e era o príncipe dos regressos<sup>11</sup>  
em a sombra de uma rosa<sup>12</sup>  
quando havia almas cativas<sup>13</sup>  
no contrabando original<sup>14</sup>  
estava o mar rubro<sup>15</sup>  
de histórias ao entardecer<sup>16</sup>  
exaltem e reeditem  
o lavrador de ilhas<sup>17</sup>  
nas escadas do império<sup>18</sup>  
marinheiro com residência<sup>19</sup>  
plantador de palavras vendedor de lérias<sup>20</sup>  
que foi ao mar buscar laranjas<sup>21</sup>  
e eu fui ao pico e piquei-me<sup>22</sup>  
à boquinha da noite<sup>23</sup>  
nos silos do silêncio <sup>24</sup>  
em a ilha grande fechada<sup>25</sup>  
era desta açorianidade  
que vos queria falar  
medram poetas nestas ilhas  
contistas, ensaístas,  
novelistas, romancistas

---

<sup>9</sup> Marcolino Candeias

<sup>10</sup> Daniel De Sá

<sup>11</sup> Eduardo Bettencourt Pinto

<sup>12</sup> Eduardo Bettencourt Pinto

<sup>13</sup> Roberto De Mesquita

<sup>14</sup> J. Martins Garcia

<sup>15</sup> Dias De Melo

<sup>16</sup> Fernando Aires

<sup>17</sup> J H Santos Barros

<sup>18</sup> Vasco Pereira Da Costa

<sup>19</sup> Urbano Bettencourt

<sup>20</sup> Vasco Pereira Da Costa

<sup>21</sup> Pedro Da Silveira

<sup>22</sup> Álamo Oliveira

<sup>23</sup> Dias De Melo

<sup>24</sup> Eduíno De Jesus

<sup>25</sup> Daniel De Sá

narradores contadores,  
dramaturgos, sonhadores  
deixai-me hastear a bandeira deste povo  
e gritar o que lhe vai na alma  
uma ilha pode ser de todos  
onde quer que se habite  
ninguém a ama ou deseja  
como os que nela se querem  
sejam nascidos e vividos,  
ou apenas trasladados  
com raízes que nenhum machado cortará  
colhendo flores que só o poeta cantará  
voando quimeras que só o vate sonhará  
uma ilha pode ser de todos  
onde quer que se habite  
deixai que a chame minha  
quero-a só para mim  
mãe de todas as filhas  
mar de todas as ilhas  
ela pode ser de todos  
a ilha de todos os medos.

---

**519. és como a ilha (moinhos de porto formoso) 3.9.2011**

és como a ilha  
*take us all for granted*  
para que tomemos conta de ti  
como se a natureza não o soubesse  
  não o fizesse  
  até melhor do que nós

és como a ilha  
nem um afago, um carinho  
quando ergueste a mão numa carícia?  
antes desabas como o denso nevoeiro  
choves palavras do tamanho de saraiva  
como quem regurgita ribeiras  
que as margens já não contêm  
frequentemente inundadas as praias

agressivamente com altas marés  
 como se falar fosse já um tsunami  
 és como a ilha, solidão  
 sempiterna, apática  
 lideras a repressão desumana  
 de teus dias sem intrigas  
 e esta imitação de vida

amorfa, resignada

geografia anónima

soçobrante

preenches os vazios frios  
 sem um afago, carinho  
 és como a ilha, solidão  
 e eu habitante ou transgressor  
 amante rejeitado  
 despojado de tudo  
 neste cárcere sem grades  
 sem forças para nadar  
 naufragado em terra  
 só o mar me cerca  
 mero pixel na paisagem

---

**521. pitt meadows kwanza açores, ao eduardo bettencourt pinto 22 setembro 2011**

nasceste na savana com pés de basalto e lava  
 viveste na terra dos grandes desertos da África meridional  
 mas o teu rio é kwanza que acaba aos pés de Luanda  
 terra de surf na bela baía  
 teu nome é de magma ancestral  
 nasceste do fogo e da água  
 com raízes na ilha-mãe que buscas entender  
 teu nome não é pradaria em Pitt Meadows  
 mas belos trigais na British Columbia  
 zona alagadiça de deltas e lagos  
 Maple Ridge e o rio Pitt são teus parceiros  
 mas não esqueces o calor de África  
 nem a humidade arquipelágica  
 divides a vida entre amores e pátrias distantes



fazes da escrita uma fotografia  
já que não retratas a poesia  
mas algo nos une que não as palavras  
o mar imenso que nos separa

---

523. a paz zen do eduardo (bettencourt pinto) 16 outubro 2011

não esqueço as tuas palavras  
o tom suave das tuas falas  
lavrador de verbos  
com medo de ferir as terras  
arando sentenças  
como se fossem seres vivos  
estás de bem contigo e com o mundo  
pacifista de vocábulo fácil  
nem na imagética és agressivo  
entras a medo  
como quem pede desculpa  
e saís fotografando  
sorrateiro para não incomodar o ar  
que respiras sem sofreguidão  
tens o sofrimento e a dor  
em sulcos profundos na alma  
reclusos da poesia  
que ainda não escreveste  
prisioneiros invisíveis  
carregas a dor de muitos mundos  
oculta em véus diáfanos  
falas mansamente para não ofender  
lentas palavras na construção do mundo  
não acalentas raivas ocultas  
dialogas com as tuas fotos  
condescendes com os humanos  
partilhas a felicidade  
de estar e de ser  
únicas certezas que transportas  
mas também sorris  
como a criança que não foste

como o adolescente que não pudeste ser  
 como o jovem adulto que te obrigaram a viver  
 convertes mágoas em alegrias  
 partos difíceis e resignados  
 alquimias de amarguras  
 das aves sabes o voo tangencial  
 das plantas o ciclo vital  
 das ondas que são o teu leito  
 avistas as estrelas que te alimentam  
 a poesia é questão de minorias  
 só os privilegiados leem  
 menos ainda a entendem  
 dizem que escrevê-la é fácil  
 mas difícil é o que fazes  
 vives a poesia no teu dia-a-dia  
 a ti, irmão da palavra  
 obrigado por acreditares  
 em ti, como em gedeão  
 o sonho comanda a vida  
 (ah! como eu gostava de ser poeta

viver outras vidas

utopias).

---

**544. ao eduíno de jesu 2 abril 2012**

as tuas palavras esguias  
 insinuem-se enleantes  
 preenchem os nichos do silêncio  
 em silos de poesia  
 buriladas em filigrana  
 sente a ilha e a língua  
 nelas aprendi a geografia  
 e o amor conquistado  
 sem silêncio nem silos

---

**546. polenizar palavras, ao eduardo bettencourt pinto, 3 julho 2012**

vinhas de manso  
com palavras nos pés e pegadas na boca,  
nos olhos liam-se mensagens,  
nas mãos havia amor  
e nos cabelos a tua ave era liberdade  
ou então trazias borboletas nos olhos  
arcos-íris nos cabelos  
nas mãos escrevias poesia  
e nós ouvíamos deleitados  
as aves calaram-se  
as árvores aplaudiam com sua folhagem  
os ribeiros regurgitavam nas levadas  
o céu limpava-se de nuvens  
o vento polinizava as odes  
sementes de frutos futuros  
eras o livro e não o sabíamos

---

*565. solitudes 31 dezembro 2012*

solidão não me assusta  
estar sozinho sim  
silêncio não me assusta  
solilóquio sim  
inverno não me assusta  
cinzento sim  
multidões não me assustam  
estar só no meio delas sim  
a poesia é uma arma  
carregada de solitude  
solidão nos açores  
é viver nas ilhas  
enquanto o mundo  
se destrói lá fora

---

*596. da minha janela, (moinhos de porto formoso), 7 junho 2013*

*o mar é deus  
as ondas a sua palavra  
os romeiros alimentam-se dela*  
(poema tuaregue adaptado aos açores)

disse o poeta a seu tempo  
da minha janela vejo o mar  
o meu quintal é enorme  
abarca a linha do horizonte  
a minha janela é enorme  
abre-se ao círculo dos céus  
o meu oceano é enorme  
chega às ruínas dos atlantes  
só a minha escrita é pequena  
nas grades desta prisão

---

**641. aos açores, (moinhos de porto formoso), 24/8/13**

...  
aos açores só se chega uma vez  
depois são saídas e regressos  
transumâncias  
trânsitos e errâncias  
...  
dos açores não se parte nunca  
levamo-los na bagagem  
sem os declararmos na aduana  
acessório de viagem  
como camisa que nunca se despe  
...  
nos açores nunca se está  
a alma permanece  
o corpo divaga  
mas a escrita perdurará.

---

653. sair da ilha, (moinhos de porto formoso), maio 30, 2014

o marulhar das águas  
embala caleidoscópios  
sem âncoras nem amarras  
vogamos sem destino  
ao sabor dos ventos  
o importante é sair da ilha  
alijar bagagens  
nascer de novo  
longe, bem longe  
lá, onde se aprende a saudade

---

699. cantiga de amigo, ao eduardo bettencourt pinto, 2 agosto 2017

amaste áfricas imensas  
desbravaste a savana  
acariciaste brumas e hortênsias  
amadureceste no Canadá  
cada foto um poema  
cada poema um filme  
e agora José?  
tempo de pegar no sacó e ancinho  
arar os campos de novo  
cavar, semear, regar e colher  
os frutos que te irão alimentar  
embocado e tímido  
assomará à janela da vida  
sem saudades nem lamúrias  
buscar forças nas fraquezas  
sonhar de novo e sorrir  
o mundo espera por ti

---

510. lancha do pico (pico, 9 agosto 2011) ao urbano bettencourt

lá vem a lancha



em terra de rola pipas  
 debouçam bocainas, traveses e jarões  
 plantam casas e novos luxos  
 nas ilhas vazias de gente  
 com leiva de memórias idas  
 musgo de antepassados  
 à espera de filhos e netos  
 sem regressos nem partidas  
 lá vem a lancha  
 lá vem  
 vazia  
 já não traz ninguém

---

*568. sem perfume de caju, ao urbano bettencourt 18 janeiro 2013*

na humidade da savana  
 no calor da tabanca  
 tange urbano a sua harpa  
 palavras aceradas como o vento suão  
 batuque abafado na bolanha  
 longe do país de bufos e beatas<sup>26</sup>  
 traduzes as sílabas de morte e vida  
 rumores desse cheiro de África  
 que nunca conseguiste lavar  
 colado na pele que esfregas  
 com napalm e metralha  
 nem com as chuvas da monção

---

*543. ao Urbano Bettencourt 2 abril 2012*

urbanamente vives  
 nas pinceladas das tuas palavras  
 a tua paleta pinta poesia  
 teus livros erguem-se impantes

---

<sup>26</sup> In Urbano África frente e verso p. 62

como teu pico natal  
amores e desamores de ilhas  
que unes em pontes de poesia  
que sentes em dores  
que pariste em árvores  
sem sombras nem véus  
nenhuma luz apagarás!

---

Sessão dia 29

504. volitando 4 maio 2011

vieram os deuses  
plantaram ilhas  
onde dantes havia água  
nasceu a ilha-mãe,  
havia a mãe-ilha,  
outra era marilha,  
uma a ilha menina  
outra ilha-filha  
nove irmãs  
filhas de poseidon e de afrodite  
nascidas da espuma do mar  
nos montes verdes  
rugiam dragões  
cuspiam chamas  
tremiam os chãos  
secavam ribeiras  
vomitavam magma  
choviam trovões  
de thor filho de odin  
esquecido das gentes e animais  
pobres escravos e colonos  
amanhadores de rochas e fomes  
desbravadores de mínguas  
crentes e temerosos  
orando promessas seculares



criam no destino sentindo-se culpados  
ainda hoje penam  
liberdades que não pagam dízimos  
votam com os pés da emigração  
a libertação de todas as cangas  
mas voltam sempre  
romeiros em promessas várias  
açorianos até ao tutano  
sem alforrias nem autonomias  
perenes escravos destas ilhas  
escrevem a história que poucos leem.

---

*515. a nau sem escorbuto 24 agosto 2011*

arribou nesta praia deserta  
a nau sem escorbuto  
sem mastro nem pendão  
sem carga nem marinagem  
sem especiarias do oriente  
nem arroz do sião ou malaca  
sem pérolas de ormuz  
nem diamantes da índia  
sem cavalos das arábias  
nem marfim das áfricas  
fora de cochim a meca  
de ternate a timor  
sem compradores  
nem lusitanos feitores  
nesta açoriana praia deserta  
longe do mar eritreu  
há mouros e judeus conversos  
cristãos por batizar  
os senhores dos açores  
ocupam lugares de proa  
a barlavento das gentes  
não vieram de calecute  
nem estiveram em cipango  
não cuidam da pimenta do reino

da noz-moscada, do cravo-da-índia  
do açafreão, anis, gengibre e canela  
não foram a banda, ceilão ou malucas  
os senhores dos açores,  
que não é terra de gentios  
chamam-lhe sua e de mais ninguém  
como samorim a regem  
feitos marajás em palácios  
ofertam bugigangas aos nativos  
promessas vãs e eleitorais  
sentado na ameia  
frente à seteira  
em castelo sem pendão  
envio migas de letras  
a todos sem literário pão  
crónicas avulsas de vidas vividas  
pecados sem perdão  
e o povo sem saber da fome  
do frio que aí vem  
das vacas que se foram  
do leite que não mungiram  
dos campos que não araram  
das colheitas que não comeram  
feliz vota nos que prometem  
sempre a mesma solução  
lá fora há guerras sem pátrias  
mutilados e estropiados  
cá já temos sem-abrigo  
drogaditos e malfeitores  
assaltantes, meliantes  
económicos dissabores  
da troica que tudo leva  
e cobra dívidas que herdamos  
de tantos ditos senhores  
não há santos que nos valham  
nem procissões e andores  
preces e velas acesas  
romeiros de todas as dores  
somos um povo infeliz e abúlico  
sem sonhos nem destemores

vergados ao duro peso  
de vis especuladores  
da história magnânima nem sombras restam  
nem bardos nem cantores  
nem escribas dedicados  
o povo sofrendo medos  
erros grosseiros  
enganos ledos  
sem naus nem caravelas  
sem espadas nem aduelas  
sem especiarias nem língua franca  
cantando fados a tétis com paixão  
com futebol e telenovelas  
e fé sem outra afeição  
o povo escravo de novo  
sofre consternado  
às dívidas acorrentado  
à mingua de dízimos e outros enfados  
sem contar os créditos mal parados  
come demagogia e paga iliteracia  
santa liberdade e democracia  
chora lágrimas de crocodilo  
lendo jornais desportivos  
com as letras aprendidas  
nas novas oportunidades  
o povo sofrendo fomes e enfermidades  
vendia os anéis e comia os dedos  
emigrava quando podia  
queixava-se da sorte caipora  
temia do governo as novidades  
a geração rasca a parva passara  
timidamente na crise despontara  
bancos enriqueciam na austeridade  
à custa da plebe e do suor já suado  
de brandos costumes acostumado  
não descera às ruas este povo  
faltava-lhe força e inteligência  
nem era gleba de novo  
antes novos ricos da indigência  
ancorada a nau fmi de novos reis

em terra de pagãos e infiéis  
não daria berloques aos nativos  
apenas a chibata e o chicote  
as grilhetas de trabalhos cativos  
sem abrigo nem culote  
e um poeta solitário  
no alto do seu castelo  
gritava a bom gritar  
mas não o ouviam as massas  
sem perder tempo para se educar  
e acreditavam nos seus donos  
compradores de votos  
com promessas a acenar  
o jardim à beira-mar plantado  
há muito inculto e estiolado  
ia fenecendo devagar  
sem gente para o cuidar  
e dos vindouros muitos virão  
dizer que o poeta pressagiava  
o fim desta bela nação.

---

516. a ilha-mãe 29 agosto 2011

a ilha-mãe ficou sentada à janela  
virgem e solteira  
esperando o príncipe encantado  
na nau do nunca mais  
se penteou e vestiu  
abriu a ventana  
pôs a mão em pala  
e olhou o mar imenso  
213160 dias para ser exato  
na praia do capitão na baía dos anjos  
nenhum barco aportou  
até um célebre quinze de agosto,  
aniversário de gonçalo velho na praia dos lobos,  
em que os batéis vieram do mar  
trazendo mouros infiéis





631. ilhas, (moinhos de porto formoso), 20/8/2013

estar numa ilha  
é como viver num cais  
à espera do barco que nunca chega  
viver numa ilha  
é sonhar  
construir a jangada  
desfraldar velas  
estar numa ilha  
é ir para o campo  
plano e raso  
à espera que construam  
o aeroporto  
a única forma  
para viver numa ilha  
é imaginá-la à saramago  
como um continente à deriva  
estar na ilha  
é imaginar a fuga  
sonhar com a saída  
levá-la a reboque dos sonhos  
embarcar nas nuvens  
vogar na maré baixa  
planar nas asas dos milhafres  
e voltar sempre

ao ponto de partida

632. ser açoriano, (moinhos de porto formoso), 19/8/2013

não se é ilhéu  
por nascer numa ilha  
é preciso sentir-lhe a alma  
partilhar raízes e dores  
acartá-la nos partos difíceis  
tratá-la nas enfermidades  
acariciá-la nas alegrias

plantar, semear e colher seus frutos  
alimentar as suas tradições  
preservar a sua identidade  
não se é açoriano  
sem amar as suas ilhas  
levá-las ao fim do mundo  
morrer por elas  
    com elas  
        para elas

---

*653. sair da ilha, (moinhos de porto formoso), maio 30, 2014*

o marulhar das águas  
embala caleidoscópios  
sem âncoras nem amarras  
vogamos sem destino  
ao sabor dos ventos  
o importante é sair da ilha  
alijar bagagens  
nascer de novo  
longe, bem longe  
lá, onde se aprende a saudade

---

*672 bandeira da liberdade 12/7/2015*

a minha bandeira tem 9 estrelas  
e um milhafre de asas abertas  
peguei no milhafre da minha bandeira  
e com ele subi às estrelas  
constelação de sonhos incumpridos  
no meio do grande mar oceano  
mero porta-aviões europeu  
navegando rumo às américas  
cortemos ancoras e amarras  
atemos um laço em volta do pico  
arquipélago a reboque da liberdade



icemos velas desfraldadas  
e voguemos até porto seguro  
tal como a jangada de pedra de saramago  
rumo à liberdade

---

*675 mar e bruma (MOINHOS de porto formoso) 18/7/2015*

todos os poetas  
que escreveram sobre os açores  
gastaram a palavra mar  
e a bruma  
a mim para escrever açores  
resta-me a palavra  
amar

---

*678 autonomias açorianas 2015 (moinhos de porto formoso), 20/8/2015*

a independência é o fim  
último das autonomias  
de nada serve criar  
sonhos grandiosos  
(de independência)  
em fundações movediças  
mais valera criar  
realidades funcionais  
(de autonomia)  
assentes na instabilidade destes vulcões  
de nada serve sonhar  
sem lançar alicerces  
de cultura e educação  
só um povo culto e educado  
pode ser libertado  
só um povo autónomo  
pode ser independentizado

